

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* - um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha - estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadei*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarde Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A FORMALIZAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS DURANTE O CALCOLÍTICO NO ALTO DOURO PORTUGUÊS: AS GRANDES ESTRUTURAS CIRCULARES DO CASTANHEIRO DO VENTO (V. N. DE FOZ CÔA)

Ana Vale¹, João Muralha Cardoso², Sérgio Gomes³, Vítor Oliveira Jorge⁴

RESUMO

O recinto murado de Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa) apresenta-se como um intrincado e labiríntico espaço de construção pautado por uma acentuada variabilidade de estruturas. Este texto versa sobre as Grandes Estruturas Circulares (GEC), um tipo arquitetónico individualizável pela sua dimensão e planta. Analisando-se esta unidade arquitetónica, colocar-se-á a hipótese de estes locais acolherem ações diversas, indiciadoras das múltiplas e complexas relações entre o sítio e o território, sendo o território e o dia-a-dia das comunidades convocados para o interior do recinto, em particular e de modo formal, através da formalização e vivência destes espaços. Desta perspetiva, as estruturas são interpretadas como locais de assembleia – lugares públicos de atualização da rede territorial do recinto.

Palavras-chave: Arquitetura pública; Reunião/Assembleia; Calcolítico; Castanheiro do Vento; Estruturas circulares.

ABSTRACT

The walled enclosure of Castanheiro do Vento (V. N. Foz Côa) is an intricate and labyrinthine constructed space characterised by a significant variety of structures. This paper focuses on large circular structures (GEC), which can be identified by their size and general ground plan. Through an analysis of these architectural units, this study hypothesises that these spaces hosted various activities, indicating the multifaceted and complex relationships between the site and the surrounding territory. The paper further explores the integration of the territory and the everyday lives of the communities within the enclosure through the formalisation and use of these spaces. From this perspective, the structures are interpreted as assembly areas - public spaces that manifest the territorial network of the enclosure.

Keywords: Public Architecture; Assembly; Chalcolithic; Castanheiro do Vento; Circular structures.

1. FLUP/CITCEM / avale@letras.up.pt

2. NOVA FSCH/CHAM / jccardoso@fcsh.unl.pt

3. CEAACP-UC / sergio.gomes@uc.pt

4. IHC / vitor.oliveirajorge@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O sítio de Castanheiro do Vento localiza-se na freguesia de Horta do Douro, concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda (e.g. Cardoso, 2020; Jorge, V.O. et al, 2006; Vale, 2017). A intervenção arqueológica teve início em 1998 e prossegue até aos dias de hoje, praticamente de forma ininterrupta e de forma sazonal (durante o Verão). As escavações decorrem no topo da colina, a uma altitude máxima de 730 metros. A planta arqueológica do sítio (Fig. 1) é definida por três linhas de murete, de tendência curvilínea, um recinto anexo que se adiciona ao murete 1, e o murete 4, muito perturbado, que interrompe a lógica que acompanha os outros três muretes, e parece dividir o recinto principal. Estes muros de base pétreo são intercetados por passagens, a maioria intencionalmente colmadas durante o tempo de vida do sítio calcolítico, e bastiões que conferem ao sítio a sua particularidade formal e o ligam a outros espaços semelhantes do calcolítico peninsular. No entanto, a regularidade formal da planta conferida pelos bastiões não se verifica na organização do espaço interno destas unidades, com diferenças assinaláveis entre bastiões ao nível das estruturas internas e da componente artefactual associada. O sítio é pontuado por dezenas de estruturas circulares de diversos diâmetros, as quais discutiremos em seguida. O substrato xistoso terá sido utilizado para a construção das estruturas de base pétreo, em relação com outros materiais como o granito, o quartzo, a madeira, a terra e a argila, e a água.

As datações absolutas apontam para um grande intervalo de construção e uso do sítio, abarcando todo o 3.^o milénio a.C. e inícios do 2.^o milénio a.C., seguindo o modelo regional proposto a partir do estudo do recinto murado de Castelo Velho de Freixo de Numão (Freixo de Numão, V.N. de Foz Côa) (Lopes, 2019). As escavações arqueológicas em Castanheiro do Vento registaram também vestígios de uma ocupação anterior à elaboração dos muros de base pétreo que remetem para o finais do 4.^o/inícios do 3.^o milénio a.C. (Muralha et al, 2019).

Este texto pretende problematizar um conjunto de sete estruturas de planta circular de grande dimensão – as Grandes Estruturas Circulares (GEC) – questionando-as no processo de construção de estruturas públicas formais. Entende-se por arquitetura pública, espaços de congregação comunitária, acessíveis a toda a comunidade, para reunião, agregação

e partilha, com formas mais ou menos explícitas de como construir/usar o espaço. Os recintos murados podem já ser equacionados como espaços de reunião, sendo de realçar que Castanheiro do Vento evidencia a formalização de locais que aparentam cumprir, de modo mais específico, tais funções, como é o caso das GEC. Assumindo estes dispositivos como lugares de assembleia, procederemos à sua caracterização, prestando especial atenção a duas destas unidades, analisando a organização dos espaços internos. Esta análise comparativa permitirá apontar indicadores sobre o uso/habitação destes espaços. A relação das GEC com as estruturas circulares (EC), de menor diâmetro, será também revista. Atendendo à diversidade de contextos detetados em escavação, colocar-se-á a hipótese de estes locais acolherem ações diversas, indiciadoras das múltiplas e complexas relações entre o sítio e o território, sendo o território e o dia-a-dia das comunidades convocado para o interior do recinto, em particular e de forma formal para estes espaços de assembleia.

2. AS GRANDES ESTRUTURAS CIRCULARES (GEC)

2.1. Unidade e variabilidade arquitetónica

Neste tipo arquitetónico são considerados duas formas: estruturas de planta de tendência circular e estruturas definidas por um arco (Fig. 1). Estas formas encontram-se “desenhadas” ao nível da base por lajes de xisto fincadas na vertical ou dispostas de forma oblíqua, podendo ainda ocorrer a presença de lajes de xisto colocadas na horizontal. Em associação registaram-se buracos de poste, indiciando que seriam cobertas e, em alguns contextos, foram recuperados fragmentos de barro de revestimento sugerindo o recurso a materiais perecíveis e terra/argila para a construção da cobertura e das paredes. As sete grandes estruturas circulares terão sido construídas após a construção dos muretes, sendo, provavelmente, as últimas arquiteturas em relação com o recinto calcolítico.

A GEC₁ (Fig. 2) localiza-se na área oeste do recinto interior, apresentando uma planta circular com c. de 8 metros de diâmetro. Seria uma grande estrutura tipo cabana, construída em madeira e terra crua, com 19 buracos de postes no seu interior, a indicar o suporte de uma cobertura por postes de madeira. Tem uma entrada a sul, marcada pela interrupção das lajes de xisto que definem a forma da estrutu-

ra e um buraco de poste no limite oeste da entrada. Esta passagem abre-se a uma espécie de antecâmara delimitada por um muro pétreo, no qual se identificaram buracos de poste, indicando uma construção em altura com materiais perecíveis e terra/argila, e três buracos de poste que acompanham pelo exterior a curvatura da parede do GEC1. O espaço interno apresenta três estruturas de planta de tendência circular. A Estrutura 1 encontra-se no extremo sudoeste e a sua construção entrelaça-se com a construção dos limites da GEC1; apresenta c. de dois metros de diâmetro, delimitada parcialmente por lajes de xisto fincadas e por um nível de lajes de xisto dispostas na horizontal, formando uma espécie de pavimento. A Estrutura 2, construída no espaço central, corresponde a uma depressão no afloramento xistoso delimitada por lajes de xisto; a sua utilização como estrutura de combustão é sugerida pela presença de vários termoclastos em quartzo e de lajes de xisto alteradas pela exposição a altas temperaturas. A Estrutura 3 situa-se no extremo noroeste, sendo delimitada por quatro lajes de xisto fincadas; no seu interior foi registado um contexto de deposição intencional selado. Esta pequena estrutura encontrava-se no interior de uma estrutura de planta circular de cerca de dois metros de diâmetro, definida de forma residual por um depósito cujos limites coincidiam com lajes de xisto que indicavam o contorno. Encontrava-se selada por uma expressiva concentração de 37 kg de barro de revestimento, embalado num depósito de cor castanha acinzentada. Neste depósito, registou-se também um vaso inteiro em calote de esfera, e um punção em cobre.

A GEC2 é definida por lajes de xisto fincadas e apresenta um diâmetro de c. 5 metros, encontrando-se muito perturbada no extremo sul. No interior registaram-se três buracos de poste e um conjunto de pequenas estruturas com diferentes plantas e dimensões, conferindo ao espaço uma complexa organização interna (Fig. 3). A GEC 1 e a GEC 2 localizam-se numa área intensamente construída. O Murete 2 ampara um conjunto de estruturas, de tendência circular, de diversos tamanhos, cujos limites foram possíveis registar de forma contínua ou intermitente. O M2 neste espaço é cortado pela passagem 12. Esta abertura depara-se a oeste com as estruturas 23 e 24 e a Leste com GEC1. Os Bastiões U e T encontram-se em íntima associação com um conjunto de estruturas circulares de diversos diâmetros. O Bastião T é ainda pontuado por um conjunto de buracos

de poste que acompanham a curvatura interior (estariam estas unidades conectadas com a construção da própria parede do bastião ou indicam a presença de uma outra estrutura?).

Na área sul do recinto principal (definido pela linha de muro 3) identificaram-se a GEC3, a GEC4, a GEC5, a GEC6. Estas estruturas desenvolvem-se em grandes arcos, definidos por lajes de xisto fincadas dispostas na horizontal. A construção destas unidades parece estar interligada, não se assumindo como dispositivos independentes, parecendo que o limite de cada arco se entrelaça na estrutura seguinte.

A GEC3 foi construída em estreita relação com a GEC4 (Fig. 4). A primeira com 7 metros de abertura volta-se a Este na direção da GEC4, com 6,5 metros de abertura e virada a Norte. A GEC3 apresenta parcialmente uma dupla linha delimitadora. O espaço entre estes dois alinhamentos de tendência curvilínea é de cerca de 60 cm e encontrava-se preenchido com pequenas lajes de xisto. A GEC3 acompanha a curvatura do murete do Bastião W distando no seu extremo norte cerca de dois metros, distancia que se encurta à medida que a curvatura da estrutura se desenvolve para sul, até o alinhamento da GEC3 encostar no limite do muro que desenha o bastião. Este intrincado construtivo estará em relação com profundas alterações na parede do bastião, momento em que a parede interna do bastião é coberto por um sedimento argiloso, integrando outros materiais como uma enchó em anfibolito, fragmentos cerâmicos e uma raspadeira em sílex (McFadyen e Vale, 2014).

Na GEC4 registaram-se 125 fragmentos de barro de revestimento (num total de 3546 gr) ao contrário da GEC3 na qual não foi registado nenhum fragmento de barro de revestimento. No limite oeste da GEC4 e no local central da GEC3 identificou-se uma concentração de termoclastos, blocos de quartzo de filão, de configuração irregular. Estes elementos em quartzo encontravam-se em relação com um sedimento cinzento-escuro, depositados numa depressão do afloramento rochoso. Em conexão com a concentração de elementos em quartzo foi registado um agrupamento de 20 unidades em granito (dormentes) e um grande seixo rolado de quartzito de cor alaranjada. Na GEC4 identificou-se uma pequena fossa, de contorno subcircular, aberta num sedimento pouco compacto de cor amarela, e, no seu interior, uma outra estrutura em negativo interpretada como buraco de poste (esta leitura atendeu ao diâmetro do seu contorno). O extremo leste do grande arco que dese-

nha a GEC4 termina num moinho manual em granito, elemento que marca também o extremo oeste da GEC6 (Muralha et al, 2013).

A GEC5 e a GEC6 seguem o mesmo programa construtivo descrito para a GEC3 e a GEC4. Definem-se por arcos amplos desenhados por lajes de xisto fincadas. A primeira volta-se a Este, a segunda abre-se a Norte. A GEC5 apresenta duplo alinhamento a sul. O espaço compreendido entre as linhas é de 40 cm e é preenchido por um depósito caracterizado pela presença abundante de pequenas lajes de xisto inclusas num sedimento argiloso, compacto, de cor amarela. Aparentemente é fechada por um alinhamento retilíneo que fecha o vão do arco, de cerca de 5 metros. A GEC6 que parece arrancar da parede da GEC5 no seu extremo norte, desenvolve um grande arco, com uma abertura de cerca de 9 metros. A Este encosta ao murete 3. No seu espaço interior foi identificada uma pequena estrutura delimitada por lajes de xisto de contorno quadrangular, tipo cista (Fig. 5).

A GEC7 (Fig. 6) corresponde a um arco, com c. de 5,70 m de abertura localizado no limite da área do Bastião L (a oeste). Ainda que a sua escavação esteja em curso, há alguns aspetos que podem ser realçados para a compreensão da variabilidade deste tipo de estruturas. O primeiro decorre da sua relação direta com o interior do Bastião L, ocupando o seu limite e replicando a sua abertura para Noroeste. No seu interior é de destacar a presença de uma eventual estrutura em negativo, aberta no depósito de assentamento das pedras de delimitação, colmatada por uma complexa sequência de depósitos onde ocorrem diferentes categorias de artefactos (cerâmica, indústria lítica e em osso, por exemplo) e vestígios arqueofaunísticos e arqueobotânicos.

Em síntese, é de salientar que as GEC foram individualizadas por critérios decorrentes da análise da técnica e forma construtiva dos limites da estrutura e da sua dimensão. Neste tipo incluem-se assim sete estruturas, desenhadas ao nível da base por lajes de xisto dispostas na horizontal e fincadas em depósitos de matriz argilosa e compactos. A planta, de tendência circular e semi-circular, inclui estruturas fechadas e estruturas em arco, revelando um diâmetro ou abertura de arco superior a 5 metros. Estas estruturas localizam-se preferencialmente na área definida pela Murete 2, acentuando o fechamento constante do sítio sobre si próprio, criando múltiplos recintos dentro dos recintos tecidos pelos muretes principais. Estas grandes estruturas de tendência

circular encostam-se a muretes, preenchem espaços internos de bastiões e restringem passagens. A técnica construtiva parece variar considerando o número desigual de buracos de poste, a diferença na quantidade de barro de revestimento recuperado, a orgânica da construção interna, denotando espaços intensamente construídos como na GEC1 e espaços aparentemente abertos como a GEC5.

2.2. Contextos de uso das estruturas

A GEC 1, tal como foi apresentado, é constituída por um conjunto de dispositivos que organizam o espaço interno (Vale, 2011). A Estrutura 1, de forma genericamente circular, é preenchida por lajes de xisto na horizontal, indicando um pavimento. Os fragmentos cerâmicos relacionados com este nível apresentam características particulares, revelando um elevado número de arestas boleadas. Este facto foi interpretado como resultado da manipulação destes fragmentos enquanto materiais de construção e a sua provável exposição prolongada antes do fecho deste contexto. A Estrutura 3 (Fig. 7) é definida por quatro lajes de xisto em relação com um fragmento de corno de bovídeo, um peso de tear inteiro, elementos vegetais carbonizados, uma lasca em quartzito, angular, um núcleo em quarto leitoso e cinco vértebras de *Alosa sp* (sável ou savelha). Os fragmentos cerâmicos, cerca de 40, apresentam superfícies e arestas preservadas. Este contexto foi interpretado como resultado da deposição/reunião e oclusão intencional (ibid.; Vale, 2019). Esta estrutura é coberta por um depósito constituído por centenas de fragmentos de barro de revestimento e manchas de sedimento escuro. Os fragmentos cerâmicos demonstram diferentes graus de conservação da superfície e arestas, e muitos apresentam-se queimados, indicando, provavelmente, a sua exposição a um processo de destruição intencional de uma possível estrutura circular que albergava o contexto anteriormente descrito, pelo fogo e a consequente exposição diferenciada a processos tafonómicos distintos. Neste contexto, como já descrito, foi registado um vaso inteiro em calote de esfera com fundo aplanado, liso, com cerca de 16 cm de abertura de boca e 7cm de profundidade e um punção em cobre.

O espaço interno da GEC 7 foi parcialmente escavado (Muralha et al, 2018; 2019; 2020 & Muralha, 2023). Tal como as outras estruturas similares encontra-se delimitada por lajes de xisto fincadas dispostas na horizontal. Em conexão com esta am-

pla estrutura registaram-se depósitos de coloração heterogénea, pouco compactos, com centenas de fragmentos cerâmicos. Foram também registados centenas de fragmentos de fauna em aparente bom estado de conservação, e dois objetos em osso (tipo agulha e furador). Estes depósitos assentam num nível de sedimento compacto, de matriz argilosa, de cor amarela. Na possível área central, corta o depósito da base da estrutura (sedimento argiloso compacto) uma unidade caracterizada por um sedimento de coloração irregular, apresentado manchas cinzentas com diferentes gradações, de grão muito fino e pouco compacto (UR57). Nesta unidade, parcialmente escavada, registaram-se vertebras de *Alosa sp.* (sável ou savelha) queimadas em conexão anatómica⁵ e outros fragmentos de fauna (em estudo⁶) e um objeto trabalhado em osso (tipo furador). A análise carpológica identificou a presença sobretudo de bolotas e cereais (maioritariamente trigo e cevada) na UR 57 (Rodrigues, 2020). Os estudos de carpologia realizados consideraram as campanhas realizadas em 2017, 2018 e 2019. A área abrangida por este estudo contempla os três muretes e deu indicações importantes sobre a distribuição dos elementos vegetais registados. Apesar de se identificarem restos antracológicos em toda esta área estudada apenas se registaram elementos carpológicos no Bastião L e GEC 7, estando 50,8% concentrados na UR 57. Nesta unidade ocorrem 395 fragmentos de cerâmica, maioritariamente preservados e cerca de 36% encontram-se visivelmente queimados. Alguns fragmentos apresentam concreções nas superfícies e arestas, sobretudo os localizados na base do depósito (estes elementos aguardam análise). Apesar da obtenção de algumas colagens, a fragmentação dos recipientes cerâmicos terá ocorrido previamente, e/ou em outro espaço, à sua inserção no depósito final; mesmo os que pertencem ao mesmo vaso terão sido depositados já como fragmentos. Neste contexto registaram-se também dois moventes em granito de pequenas dimensões e 71 elementos líticos. Deste pequeno conjunto, destaca-se a elevada percentagem de material debitado (39%) e os utensílios (20%). Parte do material debi-

5. A identificação da espécie foi realizada por Sónia Gabriel (UNIARQ) a quem expressamos um reconhecido agradecimento.

6. A investigação em zooarqueologia no sítio de Castanheiro do Vento é desenvolvido pela investigadora Cláudia Costa (ICArEHB).

tado encontra-se queimado assim como as duas pequenas lascas em material silicioso. Destes últimos as lascas retocadas e as raspadeiras são preponderantes. Destacamos dois pequenos furadores e dois buris. O conjunto de núcleos, todos informes e para lascas, representam 8% da totalidade dos materiais. Os elementos de moinho, os percutores, os seixos em quartzito encontram-se fragmentados. Os materiais em xisto polido revelam-se muito interessantes; uma pequena placa fragmentada e um pequeno polidor com pequeníssimas incisões em ziguezague. Atendendo à análise do conjunto artefactual da GEC1 e da UR 57 da GEC7, sublinha-se o carácter de reunião de um conjunto variado de coisas – de ossos de animais, de fragmentos cerâmicos, de sementes e frutos. Estes elementos convocam o território. Um território próximo, mas com a potencialidade de convocar outros territórios percorridos ou imaginados como indicam as vertebras de sável ou savelha. Esta espécie vive em água salgada, subindo os rios por altura da desova, nos meses coincidentes com a Primavera. A pesca destes dois indivíduos terá ocorrido nos rios próximos de Castanheiro do Vento. A sua presença nos rios em alturas específicas do ano, de forma sazonal e cíclica, terá associado os trajetos e os movimentos destes animais do mar até ao seu aparecimento nos rios? A sua ocorrência neste tipo arquitetónico – em determinados contextos e em associação aparentemente deliberada a outras categorias de artefactos e ecofatos – parece convocar as dinâmicas e memórias destes trajetos, alargando os horizontes territoriais do recinto.

2.3. As GEC e as estruturas de planta circular de menor dimensão

A técnica construtiva das GEC assemelha-se às denominadas estruturas circulares (EC). Também este tipo se define pela técnica e forma. São estruturas delimitadas por lajes de xisto fincadas e outros elementos como dormentes em granito, de tendência circular, fechadas, a maioria sem uma passagem definida ao nível basal. Têm um diâmetro médio de 2 metros. Até ao momento foram registadas 35 unidades. Encontram-se elaboradas em conjuntos de 2, 3 e de forma isolada; junto a muretes, no espaço interno de bastiões, junto a passagens, ou em espaços aparentemente abertos. No seu espaço interno estão maioritariamente limpas; são preenchidas por níveis de cascalho de xisto e sedimento de matriz argilosa, prováveis camadas de assentamento do “piso” des-

tas estruturas, com escassos materiais arqueológicos (Vale, 2015).

A distinção entre as EC e as GEC reside no próprio tamanho, indicado pelo nome, mas assenta em três diferenças significativas:

- (i) As GEC só integram lajes de xisto no desenho do seu perímetro, enquanto as EC empregam de forma recorrente o granito (Fig. 8);
- (ii) Ao nível da organização do espaço interno, as EC apresentam uma grande regularidade construtiva e de organização do espaço interno. Na maioria registou-se um depósito de pequenas lajes de xisto, com raro material arqueológico, e que terá sido de preparação para assentamento do piso de circulação. O espaço interno normalmente não apresenta indícios de outras construções. As GEC revelam uma grande diversidade e complexidade de elaboração do espaço interno;
- (iii) O espaço interno das EC revela escasso material arqueológico, enquanto as GEC integram complexos conjuntos artefactuais que, na variabilidade da sua constituição e contexto de ocorrência, remetem para uma igualmente complexa rede de ações de circulação, transformação e reunião dos diferentes atores dos amplos horizontes territoriais do recinto calcolítico. É tal concentração/congregação de diferentes categorias de materiais e artefactos que, concorrendo na individualização das GEC enquanto unidade espacial, será problematizada no próximo ponto.

3. DISCUSSÃO: AS GEC E A CONVOCAÇÃO DE HORIZONTES TERRITORIAIS

Na paisagem de Castanheiro do Vento, o recinto, emergente nos inícios do 3º milénio a.C., vai progressivamente acentuando uma forma particular de estar no e fazer território. Castanheiro do Vento foi elaborado ao longo de centenas de anos como um espaço privilegiado de reunião e de convocação de seres humanos, animais e coisas. O labirinto de arquiteturas internas foi-se complexificando, construindo outros recintos, unindo estruturas, fechando passagens, num contínuo movimento de criação, transformação e circulação de coisas que asseguraram a imersão do sítio no território e do território no sítio. Neste complexo processo de territorialização (Cardoso, 2020; Jorge, 1999) são formalizados espaços de reunião comunitária com diferentes escalas e diferentes expressões materiais. Neste sentido, Casta-

neiro do Vento, como recinto de agregação, poderia ser nomeado de arquitetura pública, arquitetura que convoca e é da comunidade, pela sua construção e uso. O recinto encaminha e dirige a participação comum. Este dispositivo é acentuado e formalizado pelas GEC, abrindo também outras possibilidades de reunião de luz, sombra e som. Nestes espaços formalizados de reunião pública a negociação far-se-ia pela partilha de coisas, através de coisas. Coisas que poderiam ser fragmentadas e depositadas, coisas fragmentadas que se incluíam no fechamento de uma estrutura ou no encerramento de uma lareira. E com animais. Com animais que seriam consumidos, partilhados, em certas alturas particulares do ano, como o peixe sável ou savelha, presente nos rios apenas na Primavera, indiciando a comemoração do tempo cíclico da vida. A partilha seria estruturante da coesão social, reafirmando identidades coletivas e sentimentos de pertença.

Estes processos dar-se-iam também pela construção das próprias estruturas e pelo seu encerramento ou destruição. A construção de arquiteturas públicas, comunitárias, de cariz altamente simbólico, tem sido avançada para toda a Pré-história Recente europeia como mecanismos de coesão dentro e fora dos grupos populacionais, reforçando laços de pertença aos territórios e às comunidades, formalizando os tempos cíclicos da vida, marcando por exemplo os solstícios (e.g. Parker Pearson, 2014 e Valera, 2013) ou como em Castanheiro do Vento, através da presença de indicadores do ritmo sazonal da vida. Pela construção, elementos pertencentes a outros espaços e em relação com as diversas formas de estar neste território são trazidas para Castanheiro do Vento, assegurando a reunião dos elementos que estruturam o próprio território, como a terra, o xisto, o granito, o quartzo, a água, a madeira, a argila; e as coisas que vivem juntas – os animais: os peixes, o gado bovino, porcos e cabras e ovelhas, veados e cavalos; os vasos e os fragmentos cerâmicos; os utensílios líticos, a par com os cereais, e as bolotas, e a esteva e os moinhos manuais. O mundo é convocado e vivido na construção e pela construção.

Em Castanheiro do Vento registaram-se até ao momento sete espaços GEC. Sete casas comuns, espaços provavelmente de participação aberta, mas dirigindo e programando a negociação de práticas sociais e práticas de políticas públicas. Espaço de reunião e agregação de seres humanos, de animais, plantas e frutos, e outras coisas. Mas também defi-

nidores do centro. A formalização dos espaços de reunião dita a orgânica da assembleia. Nestes espaços de assembleia, as relações diárias com o território são convocadas e formalizadas. As materialidades do dia-a-dia da comunidade são manuseadas e evocadas, e em certos casos adquirem um carácter extraordinário pela sua reunião – como a Estrutura 3 da GEC1 e o contexto UR57 da GEC7. Na GEC1 um conjunto particular de elementos parece ser intencionalmente selecionado e reunido construindo um espaço juntamente com lajes de xisto: um corno de bovívdeo, um peso de tear, um sável ou as suas vertebrias, e uma dezena de fragmentos cerâmicos com as arestas preservadas foram arrançadas provavelmente no encerramento da estrutura. Na GEC7 os elementos artefactuais não terão sido escolhidos individualmente e depositados intencionalmente. No entanto, as ações que aí decorreram integraram um conjunto diferenciado, ou melhor, com intensidade distinta do resto do sítio, como a presença de centenas de fragmentos de fauna de várias espécies animais, e a presença excessiva de vestígios de cereais. A unir estes contextos parece estar o sável.

Grandes estruturas circulares, com diâmetros superiores a 5 metros de diâmetro, são elementos pouco usuais em contextos do chamado calcolítico peninsular, podendo destacar-se os exemplos registados em El Casetón de la Era (Delibes de Castro et al. 2015), Los Marroquiés Bajos (Jaén) (Zafra de la Torre et al. 2003), interpretados como unidades domésticas, e no sítio da E.T.A.R de Vila Nova de Milfontes (Valera e Parreira, 2014) e no recinto dos Perdigões (Valera e Parreira, 2018 e Valera e Basílio, 2017). Merece especial destaque a cabana da E.T.A.R de Vila Nova de Milfontes, de forma circular, com 10 m de diâmetro, “delimitada por sulcos descontínuos escavados no substrato, os quais eram preenchidos por calços de xisto, arenito e seixos de média/grande dimensão” (Valera e Parreira, 2018, 142) e uma entrada estruturada virada a nascente. Foi interpretada como uma “estrutura de reunião” (ibid. 149), albergando práticas de carácter ideológico-político, inferidas também pela presença de materiais “associados a contextos relacionados com o sagrado” (ibid. Ibidem) como ídolos, recipientes de calcário e cerâmica simbólica.

Castanheiro do Vento é definido pela própria reunião, pela prática de assembleia. Neste contexto, registam-se espaços de reunião mais formalizados, de arquitetura pública, desenhando casas comuns

que permitiriam a negociação dos poderes (públicos), através da partilha de coisas, da convocação de animais distintos, do seu consumo, pela agregação de vários elementos da comunidade que pela construção e na construção saberiam a ordem das coisas, num contínuo gesto de ligação entre a tradição e a abertura a novas possibilidades, entre a reprodução e a criação de vida. Acresce que em Castanheiro do Vento os materiais são tendencialmente regionais, em termos de matérias-primas e de estilos formais. As coisas que se ligam a um território que seria quase sempre coincidente com o território habitado e percorrido, com implícitas linhas de tradição a conectarem sítios (construídos ou especificidades geomorfológicas⁷), adquirem uma natureza excepcional pela singularidade da sua reunião.

4. PALAVRAS FINAIS

As Grandes Estruturas Circulares de Castanheiro do Vento são assim interpretadas como espaços públicos de reunião, como casas comuns que convocam toda a comunidade. Pela sua construção, pelo seu uso, e pela colmatação/destruição/obstrução dos seus espaços. Estes processos dependem dos materiais que se reúnem e se convocam. A fisicalidade e as histórias das coisas ditam o que se pode e o que não pode ser feito, e carregam as possibilidades de desafiar o que se pode fazer e como. As GEC traduzem também o espaço onde emergem e que modificam. Atendem à inclinação e às qualidades do solo, às tradições dos lugares do próprio sítio, às estruturas já construídas e respeitadas, ou reformuladas, ou destruídas, ou colmatadas e obstruídas. As GEC constroem-se num movimento contínuo de criação e tradição, cujo design se resolve pela construção (a partir de Ingold, 2013). A reunião destas estruturas num tipo formal não ofusca as diferenças ao nível do desenho das linhas basais, das técnicas construção e da habitação dos espaços, integrando diferentes assembleias, tal como ficou exposto. No entanto, insere estas estruturas num movimento de reunião do território no sítio, formalizando espaços públicos de reunião, como casas comuns. Estas casas comuns reforçam o papel agregador de Castanheiro de Vento como espaço identitário que, pela sua durabilidade, permitiu a sobrevivência de um modo muito particular de habitar o território por centenas de anos.

7. Segundo a definição de Cardoso (2007).

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, João Muralha (2020) – O Sítio Arqueológico de Castanheiro do Vento. Da Arquitectura do Sítio à Arquitectura de um Território. In J. M. Arnaud, C. Neves & A. Martins (Coord. Editorial), *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da Questão*. Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 913-924.
- CARDOSO, João Muralha (2007) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa – Um Recinto Monumental do III e II milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*, Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Edição policopiada.
- DELIBES DE CASTRO, G.; ABARQUERO MORAS, F. J.; CRESPO DÍEZ, M.; GARCÍA GARCÍA, M.; GUERRA DOCE, E.; LÓPEZ SÁEZ, J. A.; PÉREZ DÍAZ, S. & RODRÍGUEZ MARCOS, J.A. (2015) – The archaeological and palynological record of the Northern Plateau of Spain during the second half of the 3rd millennium BC. In H. MELLER; R. RISCH; R. JUNG & H.W.ARZ (eds.), *2200 BC – A Ein Klimasturz als Ursache für den Zerfall der Alten Welt? 2200 BC – A climate breakdown as cause for the collapse of the old world? Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle 13*, pp. 429-448.
- INGOLD, Tim (2013) – *Making. Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. New York and London: Routledge.
- JORGE, Susana Oliveira (1999) – *Domesticar a Terra. As Primeiras Comunidades Agrárias em Território Português*. Lisboa: Gradiva.
- JORGE, Vítor Oliveira with the assistance of CARDOSO, J. M., VALE, A. M., VELHO, G.L., PEREIRA, L. S. (2006) – Copper Age «monumentalized hills» of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space as results of a research experience in the NE of Portugal, in *Approaching «Prehistoric and Protohistoric Architectures» of Europe from a «Dwelling Perspective»*. Journal of Iberian Archaeology, vol.8, special issue. Porto: ADECAP, pp. 203-264.
- LOPES, Susana Soares (2019) – Voltar a Castelo Velho de Freixo de Numão: Pensar a reconfiguração cultural dum recinto pré-histórico do Alto Douro Português. In *Olhares Sobre Castelo Velho De Freixo De Numão: Revisitar Um Recinto Pré-Histórico Do Alto Douro Português*, Coimbra: DigitAR Monografias, pp. 358-389.
- MCFAYEN, Lesley & VALE, Ana (2014) – Buildings That Wrap Objects and Objects That Wrap Buildings. In K. REBAY-SALISBURY, A. BRYSSBAERT & L. FOXHALL (eds.) *Knowledge Networks and Craft Traditions in the Ancient World*. New York and London: Routledge, pp. 23-36.
- MURALHA, João (2023) – A Intervenção arqueológica em Castanheiro do Vento. Campanha de 2022. *Coavisão. Cultura e Ciência* 25, pp. 69-74.
- MURALHA, João; GOMES, Sérgio & JORGE, Vítor Oliveira (2020) – A Intervenção Arqueológica de 2019 em Castanheiro do Vento. *Coavisão. Cultura e Ciência* 22, pp. 151-158.
- MURALHA, João; VALE, Ana; GOMES, Sérgio; JORGE, Vítor Oliveira (2019) – Relatório dos trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento/2018”. *Coavisão. Cultura e Ciência* 21, pp. 39-47.
- MURALHA, João; VALE, Ana; GOMES, Sérgio & JORGE, Vítor Oliveira (2018) – A intervenção arqueológica em Castanheiro do Vento: Campanha de 2017. *Coavisão, Cultura e Ciência*, 20, pp. 73-84.
- MURALHA, João; CARVALHO, Bárbara; JORGE, Vítor Oliveira; VALE, Ana & GOMES, Sérgio (2013) – Trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento – Campanha de 2012. *Coavisão, Cultura e Ciência*, 15, pp. 151-158.
- PARKER PEARSON, Mike (2014) – *Stonehenge – A New Understanding: Solving the Mysteries of the Greatest Stone Age Monument*. New York: The Experiment, LLC.
- RODRIGUES, Mariana (2020) – *O uso dos materiais vegetais em Castanheiro do Vento, Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa*, Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.
- VALE, Ana (2019) – Depositions, Assemblages and Relationships in Late Prehistory. The case of Castanheiro do Vento (Portugal).” In A. C. VALERA (ed), *Fragmentation and Depositions in Pre and Proto-historic Portugal*. Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA), ERA Arqueologia S.A., pp. 31-45.
- VALE, Ana (2017) – Habitação, construção e “modos de usar” o espaço. A arquitetura de Castanheiro do Vento (V.N. Foz Côa). *Arqueologia e História*. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 169-183.
- VALE, Ana (2015) – As “estruturas circulares” em Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Exercícios descritivos e interpretativos da forma e da organização do espaço”. *Côavisão, Cultura e Ciência* 17, pp. 80-93.
- VALE, Ana (2011) – *Modalidades de produção de espaços no contexto de uma colina monumentalizada: O sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*, Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- VALERA, António Carlos (2013) – Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal: investigação, discursos, salvaguarda e divulgação. *Al-Madan*, 18, pp. 93-110.
- VALERA, António Carlos e PARREIRA, Jorge (2018) – Ocupação Calcolítica da Costa Alentejana: Nova Intervenção junto à E.T.A.R. de Vila Nova de Milfontes (Odemira). *VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular 2014*. Câmara Municipal de Serpa, pp. 137-152.
- ZAFRA DE LA TORRE, N.; HORNOS MATA, F.; CASTRO LÓPEZ, M. (2003) – Una macro-aldea en el origen del modo de vida campesino: Los Marroquíes Bajos (Jaén). C. 2500-2000 cal. ANE. *Trabajos de Prehistoria*, 56 (1), pp. 77-102.

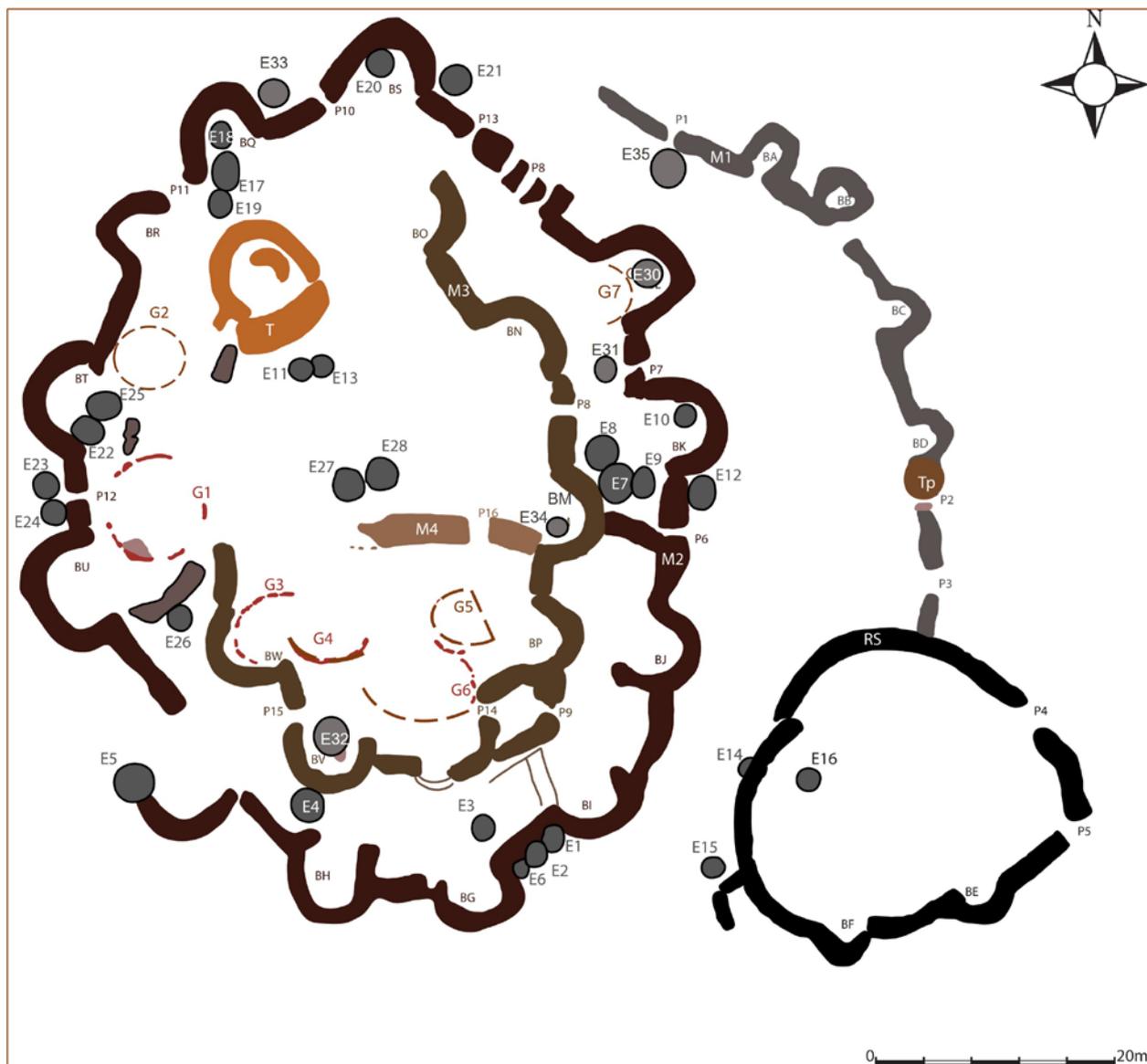


Figura 1 - Planta arqueológica de Castanheiro do Vento com representação de todas as estruturas de base pétrea identificadas até 2022.



Figura 2 - Desenho final de escavação (2011) da Grande Estrutura Circular (GEC) 1 e estruturas anexas, a sul, que perfazem uma antecâmara de entrada na estrutura. No interior da GEC1 encontram-se registadas a estrutura central identificada com o número 2 e a estrutura 3 localizada a este. (Desenhos de B. Carvalho, 2011).



Figura 3 – Fotografia da Grande Estrutura Circular (GEC) 2 e estruturas internas. As lajes de xisto definidoras da estrutura albergam uma complexa arquitetura interna definida por pequenas estruturas de tendência circular e de tipo “cista” e vários buracos de poste. (Fotografia de João Muralha, 2008).



Figura 4 - Desenho da Grande Estrutura Circular (GEC) 3 e da Grande Estrutura Circular (GEC) 4 e Bastião W. As duas grandes estruturas em forma de arco estão em relação com uma concentração de blocos de quartzo de filão queimados. (Desenhos de B. Carvalho, 2009).



Figura 5 - Fotografia da Grande Estrutura Circular (GEC) 6 e da estrutura tipo cista construída no espaço delimitado pelo arco da GEC. (Fotografia de João Muralha).



Figura 6 – Fotografia da Grande Estrutura Circular (GEC) 7 e da sua relação com o Bastião L e Estrutura Circular 30. Em primeiro plano encontra-se a Unidade de Registo (UR) 57, em escavação, sendo perceptível os seus contornos irregulares. Campanha arqueológica de 2018.



Figura 7 – Fotografia da Estrutura 3 (GEC1) definida por 4 lajes de xistos fincadas. Pormenor da deposição intencional do corno de bovídeo e um peso de tear inteiro. Campanha arqueológica de 2010.



Figura 8 - Fotografia da Estrutura Circular 8 definida por lajes de xisto e elementos em granito (moinhos manuais) e preenchida por depósitos com escasso material arqueológico. (Fotografia de João Muralha, 2018).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1290 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**